

NO RITMO DAS ÁGUAS

Nara Eliana Miller Serra¹

RESUMO: O texto apresenta uma faceta do universo e da cultura das populações tradicionais ribeirinhas, quando têm nas águas todo o significado e o fundamento de seu cotidiano. Apresenta ainda, sob forma vivenciada algumas tramas do tecido que se está preparando para o trabalho mais intenso da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: As águas- tempo e espaço – ribeirinhas

ABSTRACT: The text presents a facet of the universe and of the culture of the riverine traditional populations, when they have completely in the waters the meaning and the foundation of your daily one. He/she/you still presents, under lived form some plots of the fabric that one are preparing for the most intense work of the research.

KEYWORD: The waters - time and space - riversides

Introdução

Quando o sol está para se esconder, ou a perder-se no horizonte, o caboclo lança seu olhar naquela direção, indo buscar outros mundos. É o refletir dos últimos raios do sol no rio, qual feixes dourados a colorir aquela água caudalosa, denunciando a chegada da noite. Ali, sentado projeta uma viagem imaginária revendo ou repassando seus dias, os vividos e certamente os que virão. Mas todos, estarão escritos ou sublinhados pelo ritmo das águas.

Os rios para os ribeirinhos são as fontes de sua energia. Deles, retiram o alimento, fazem o seu trajeto de trabalho, de fé, de alegria e também de tristeza. É

¹ Aluna do Mestrado em Desenvolvimento Regional e pesquisadora do Projeto Beradão

das águas que nascem os mitos, as histórias de amor e a essência do viver de uma população que tem sua grandiosidade expressa no seu misticismo e na sua crença.

Para compreender e trilhar esses caminhos, enquanto pesquisador, temos que vivenciar todos os movimentos possíveis, para , livre de conceitos e pré-conceitos possamos efetuar uma leitura verdadeira, sob um olhar humano e diferenciado.

Da viagem

É noite, e a bordo do barco “Deus é Amor” o trançado de redes forma um multicolorido alternando suas cores entre as redes amarradas um pouco acima e as que ficam um pouco a baixo. Mais pessoas vai chegando e procurando lugar para sua rede armar, e mais outra, até que todos encontram um “cantinho” para se acomodar. São quase meia noite, hora de sairmos. O grupo parece completo, e animado se põem a conversar, a trocarem abraços, a formarem pequenos grupos enquanto outros, parecem estar conversando assunto sério.

Alguém exclama: “Tá na hora!” ao que outro retruca: “Calma, falta o fulano.. .” Será que ele vem, pergunta um terceiro; Vamos conferir o pessoal! “Quem está faltando?”, pergunta um recém-chegado; e aí, a chamada é feita, alguém que estava não está mais... enfim, depois de várias conferências... conseguimos zarpar. Rio abaixo, a conversa ganha espaço. Um grupo junta-se para contar história da sala de aula, outro, resolve jogar uma partida de baralho; outro mais, conversa seriamente, enquanto o restante, cansado do trabalho semanal, vai dormir. Lá pelas tantas, só o barulho do motor associado a algum “ronco” perdido na madrugada, ressoam na mansidão do rio... Todos dormem.

Às primeiras horas do dia, lá estamos nós, pesquisadores, professores, alunos e convidados ancorados nos barrancos do rio madeira, se estiver no período da seca, se , no período das chuvas, atracamos no lago, dentro da comunidade de Nazaré.

Dia bonito! Dia chuvoso! Não importa. Temos muitos a fazer. Caso tenha um participante novato, este no horário do café da manhã, deverá fazer um breve discurso enfatizando o seu objetivo no projeto. Chamamos essa brincadeira de “batizado” de calouro.

Cada coordenador de linha reúne-se com seu grupo e planeja a realização de sua atividades quanto a horário, utilização de voadeira, quem vai visitar quem...

enfim, definição dos trabalhos. Assim, uns vão de voadeira, outros cruzam o lago de canoa, enquanto os demais se espalham pela comunidade.

Findo o dia, após o jantar, é o momento das conversas e da avaliação do dia. Também momento de lazer e de descontração. Normalmente a Comunidade promove algum evento. Um bingo para ajudar a igreja, um forró para os visitantes, enfim, sempre acontece alguma atividade por conta de nossa estada naquele local.

A relação das águas com o tempo e o espaço

Foi numa dessas viagens ao encontro daquela comunidade, do “prosear”, vivenciar e conhecer algumas pessoas interessantes que originou este trabalho, cuja pretensão é de falar de um pequeno contexto dentro do universo daquela população, que é a *influência das águas* no cotidiano daquelas pessoas.

Parece estranho falar em influência das águas, pois vivem às margens de rios e lagos. Mas, são os rios e seus ciclos de água que são incorporados fundamentalmente influenciando e determinando a vida da comunidade ribeirinha, ou dos beradeiros, como são conhecidos. Nesse período que vai de outubro a março, as chuvas são constantes, pesadas, torrenciais, provocando o transbordamento das águas tanto dos rios quanto dos lagos, e, nas grandes enchentes, o rio sobe até às casas. Algumas são inundadas, outras, ficam com a água sob o assoalho. Todo deslocamento é feito de canoa, a plantação ao redor da casa e do quintal desaparece, e os animais domésticos quando não morrem, ficam trepados em girais, espécie de assoalhos suspenso, utilizado também como local onde se lavam as louças.

Alguns moradores, já prevendo que as águas possam chegar até à sua casa, mudam-se para outro local, chamado por eles de “terra firme”.

É no período das chuvas que o rio desbarranca, levando árvores, plantações, casas, criações, enfim, tudo que se encontrar às suas margens. Tempo perigoso para se navegar. O Rio com suas águas caudalosas invadindo às terras, é corredor por onde descem grande quantidade de árvores, troncos imensos, que são levados rio abaixo, calmamente..., lentamente.... parecendo estarem se deslocando por vontade própria para algum lugar, sabe-se lá para onde... Aliás, é por esta razão que o rio recebeu este nome: Rio madeira.

O tempo das águas para o caboclo, é o tempo do recolhimento, do aconchego da família, do “caldo do peixe quentinho”, da conversa dos compadres relembrando outras épocas, outras enchentes... das cobras que foram encontradas, do “peixão” que o compadre físgou da janela de sua casa.... é o espaço para as estórias de pescador, de lembrar dos que já se foram, dos que e mudaram; É o desabrochar das reminiscências.

Ali, o tempo e o espaço quase se confundem pela presença das águas. Quando o tempo determina, o espaço se refaz, se modifica, se molda, se adapta. “não há uma lei, um conceito-chave capaz de fornecer a essência da realidade na sucessão dos tempos. (JAPIASSU:1994.57)”.

O tempo se transforma e transforma também a vida de todos. Do movimento diário a uma nova atividade; Tudo passa a ser comandado, determinado pelo ritmo das águas. Se chover, não tem trabalho na lavoura, não tem farinhada, nem pescaria; É possível que nem aula tenha. Loureiro em seu interessante trabalho **Cultura Amazônica. Uma poética do imaginário** nos faz compreender esse misto tempo/espaço, quando nos diz que:

“ A Amazônia parece ser um grande signo modulado pelo tempo. Preocupação permanente, o tempo parece ocupar lugar do próprio espaço. Traduz uma forma de existência profunda ligada ao sentido de origem perene das coisas. Para viajar, para plantar, para pescar e coletar, para nascer e morrer, o tempo serve de referência, enquanto que o espaço torna-se difuso. O homem sente-se situado em um espaço, do qual delimita, serve de referência e integra todas as coisas”.(1995:95)

Para entender as manifestações desse universo, “devemos iniciar a nossa investigação na posse do conhecimento que nos foi facultado de antemão pela observação direta para tentar chegar em seguida, subindo progressivamente, até as primeiras causas e os elementos mais simples dos acontecimentos em curso” (CASSIRER,1994:83)

Na observação, na convivência e na troca de informações entende-se a preocupação e a responsabilidade do pesquisar. Identificar a metodologia que melhor se aplica é uma tarefa não muito fácil de ser determinada, porque as circunstâncias da experimentação às vezes podem nos causar surpresas, e devemos estar imbuídos de conhecimentos teóricos suficientes, para buscar a melhor forma de trabalhar determinados comportamentos.

É necessário estar atento pois a simples descrição de atos e ocorrências não traduzem o desejo de conhecer o ser humano, seu comportamento e a sua relação mais próxima com o seu meio e às demais pessoas. Também é de substancial necessidade, conhecer e compreender a cultura local “pois nela, cada povo tem sua maneira própria de realizar de forma original a experiência universal da vida, não só no conjunto das diferentes atitudes do indivíduo ou do grupo, como no âmbito das circunstâncias humanas que os envolvem”.(op.cit: 102)

Os ribeirinhos, têm nas águas à sua inspiração de vida. É dela que extrai o sustento; é através dela que em sua canoa navega horas a fio em busca de alimento, que se desloca para a lavoura, para os festejos religiosos, para o jogos de futebol, para buscar a benzedeira, a parteira que trará ao mundo um novo ser, e, algumas vezes, é nas águas que fazem a sua última viagem.

O rio permite ao beradeiro o ato da contemplação. É comum nos barrancos, ao longo das margens do rio madeira, encontrar bancos ou grandes toras de madeiras, onde o caboclo senta para apreciar o rio, conversar com os compadres. Outras vezes, de cócoras, cigarro no canto da boca, olha aquelas águas tranqüilas e barrentas tão concentradamente que parece estar numa viagem imaginária, sem tempo para voltar, tamanho é o seu devaneio. Loureiro, novamente nos pincela de matizes especiais, a tradução desse gesto:

“Para o nativo da Amazônia, a contemplação é um estado de sua existência. O principio e o fim de suas relações com a vida cotidiana e a raiz de suas peculiaridades de expressão. Evidentemente que não é uma contemplação de caráter teologal ou místico, mas uma contemplação que é a extensão da humanidade e geradora de humanismo. É uma contemplação que estabelece o equilíbrio de limite e grandeza do homem com a natureza. Diante dessa natureza magnífica e desmedida, ele a dimensiona segundo as medidas de sua humanidade. Confere à natureza uma dimensão espiritual povoando-a de mitos, recobrando-a de superstições, destacando-lhe a emotividade sensível, tornando-a lugar do ser, materializado nela sua criatividade, ultrapassando sua contingência na medida em que faz dela um lugar de transcendência”(op.cit:195)

Talvez pelo ato do cismar, o beradeiro tenha na sua essência o dom da paciência, da tolerância, até à sua fala é calma. Ele não tem pressa. Desconhece o corre-corre do urbano, o aprisionamento do relógio e a agonia do passar das horas de quem têm muitos a fazer em tão pouco tempo. Vive em consonância com a natureza, beneficiado pelo calor do sol, ou pelo acariciar dos ventos, ou ainda, pela

maravilha das chuvas. A sua herança ancestral concedeu-lhe viver sem acumulação, sem ambição e sem contar com o dia seguinte, transformando o dia de hoje em dádiva que merece apenas se vivida.

Conhecendo algumas características, entendemos por que “ o homem é um animal amarrado as sua teias de significados que ele mesmo teceu” (GREERTZ,1992:15). Assim é que temos nas populações tradicionais do baixo madeira, um campo precioso de estudo, onde os mitos se confundem com o religioso, que por sua vez, se mantém vivo graças à passagem de ritos que vão de pai para filho.

Essa continuidade centrada na cultura, é pontilhada de descontinuidades na existência de uma população também amazônica guiado pela memória que ainda acreditam e personificam seus mitos. “Procuram explicar o que não conhecem, descobrindo o mundo pelo estranhamento, alimentando o desejo de conhecer e desvendar o sentido das coisas ao seu redor”. (op.cit104)

O caboclo viaja observando, estudando, e conhecendo cada sinal que a natureza indica; Ele os decifra de acordo com a sabedoria adquirida, dizendo quando vai ter uma tempestade, uma ventania, um mal tempo para plantar, viajar, seja de dia ou de noite. Daí, diz-se que o caboclo conhece a “ciência” da natureza e das coisas, pelo modo de ver, compreender e vivenciar os mistérios dos astros, do canto dos pássaros, da sutileza das árvores e principalmente, da manifestação das águas.

É a cultura que se faz ciência sob o olhar caboclo que explica os acontecidos. Raimundo Neves de Almeida, caboclo amazonense, em seu livro NA BEIRA DO BARRRANCO, estórias- credices – sentimentos e humor de caboclos do madeira, nos conta com detalhes aspectos da sabedoria popular, em seu conto intitulado:

As enchentes do Rio e as previsões caboclas

Quando o rio dá sinal de enchente, os caboclos preocupam-se em procurar saber entre eles se ela vai ser grande ou não. Pois as enchentes são fatores marcantes em suas vidas, pelos benefícios e prejuízos que podem causar. De modo que logo que aparecem os primeiros repiquetes, este é o assunto de quase todos os bate-papos, nas rodadas do luar, nos serões e principalmente nas noites de velório.

Foi exatamente num velório, lá no lugar Esperança, isso no fim do ano de 1982, quando já começava a enchente do período 1982 a 1983, que ouvi e cheguei mesmo a tomar parte numa conversa sobre a enchente, que já começava a alagar as margens do rio, deixando os caboclos numa expectativa tremenda, divergindo cada um nas suas esperanças conforme as suas necessidades. Alguns torciam para que as águas subissem muito e alagassem as restingas, para que eles pudessem arrastar até às margens, as tóras que haviam cortado para as jangadas. Outros, pelo contrário, desejavam que a enchente fosse pequena, pensando no seu barraco, nas suas criações e nas plantações.

Foi aí que ouvi de alguns caboclos mais idosos e já mais entendidos, algumas explicações que previam, que a enchente daquele ano seria uma das maiores dos últimos anos. Vejamos o que disseram alguns deles: O seu Sebastião, chamando a atenção de todos disse: Se preparem que este ano as águas irão alagar tudo, pois observei que no dia primeiro de janeiro, as Sete-Estrelas estavam bem altas no céu, lá na altura do meio dia, e isto é sinal de água com abundância.

Disse o seu Galdino: Estou certo disso, pois tenho observado lá no igapó que as canoas das abacabeiras e joarís só caem de boca prá cima.

Acrescentou o seu Rogério: Eu também já ouvi o gavião caoré cantar na lua cheia e quando ele canta nessa lua é enchente grande na certa.

O seu Josias falou ainda: E eu pesei a água do dia trinta e um de dezembro, e no dia primeiro de janeiro, e esta era muito mais pesada que aquela. Dizem que quando isso acontece a enchente vai ser grande.

E o resultado foi realmente assustador, o rio encheu muito além do que costumava encher. As restingas, mesmos as mais altas foram ao fundo, morrendo muitos animais selvagens que buscaram nas restingas altas o seu abrigo durante as cheias. Muitas casas desapareceram dentro D'água. As águas mataram todos os animais domésticos e as plantações, de modo que a maioria dos caboclos, moradores nas margens do rio madeira e seus afluentes correram para as cidades vizinhas, buscando abrigo e procurando recurso para sobreviverem o que contribuiu mais ainda para o despovoamento das áreas rurais nas margens dos rios. Desta forma, fiquei muito mais consciente de que o caboclo na sua tranqüilidade observa e compreende os fenômenos da natureza, não podendo, entretanto, livrar-se de suas calamidades por falta de recursos financeiros e sociais" (1987:p.112). Nesse momento, em que concentramos o olhar diferenciado para o viver sob a influência

das águas, percebemos que há muito que apreender e vivenciar com essa gente; A sua linguagem, a forma de produção, suas narrativas míticas, suas crenças e credences, aspectos sociais, culturais diversos, organização familiar, social e demais componentes de sua estruturação.

“O ser ribeirinho está caracterizado por uma concepção de natureza diferente, por integrar em seu modo de vida os elementos essenciais disponíveis; As águas e as matas, e destes elementos estabelecer sua estratégia de sobrevivência, seus valores éticos, estéticos, seus sonhos”. (SILVA, SOUZA FILHO,2002:23)

Uma experiência vivida

Certa tarde, estava eu sentada em um daqueles bancos de madeira, observando o brilho do sol refletindo nas águas do rio madeira, uma mamãe boto que mergulhava com seu filhote a fazer pirueta no ar, arte que ainda não tinha visto antes, quando se aproximava uma pequena canoa que deslizava suavemente rio acima. Nela, estava uma senhora na proa a remar, enquanto no centro da canoa, três crianças.

Um menino com aproximadamente dois anos de idade, uma menina de seis anos mais ou menos, pequena, franzina a segurar em seus braços um bebê de uns oito meses, esperto, o bebê inquieto nos braços daquela criança, parecia que ia saltar para fora da canoa, pois a pequena mal conseguia segurá-lo. No balançar da canoa pelo banzeiro, a impressão que tive é que aquele nené ia cair na água.

Quando vi aquela cena, fiquei ansiosa e exclamei: Meu Deus ! esse pequeno vai cair no rio! Meu coração disparou vendo aquela cena. A mãe, tranquilamente remava sua canoa com apenas quatro dedos fora d'água, ali calmamente, como se estivesse no lugar mais seguro do mundo. Ao encostar-se ao barranco, a menina mal podia carregar o bebê. Desci rapidamente, peguei-o ao colo e subimos o barranco. A mãe trazia o outro menor no colo. Falei do meu susto e disse àquela mãe que tivesse cuidado, pois a menina era muito pequena... o rio estava muito.... A mãe olhou-me e sorriu, dizendo: “Eles estão acostumados”.

“Assim como não nos banhamos jamais no mesmo rio, da mesma forma a vida humana e social é extremamente rica de acontecimento, exigindo de nós novas descobertas e novas hipóteses” (op.cit). p.59)

Essas descobertas, nos leva até **Malinowski** em *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, grande obra etnográfica, onde sua característica principal foi a preocupação em considerar a complexidade da natureza humana, observando o ser humano em sua totalidade, entendendo-o como ser dotado de sentimentos, paixões e razões, colocando todo seu esforço para a compreensão do comportamento e do emocional humano, a partir da realidade concreta, vivenciada e experimentada. Tanto que FRAZER, ao tecer o prefácio comenta: “Ele estava bem munido tanto de conhecimentos teóricos quanto para a experiência prática para a tarefa a que se propôs...Dr. Malinowski viveu durante muitos meses a fio como nativo entre os nativos.”

Tal afirmação nos conduz à conclusão que o trabalho de campo é um método notavelmente sensível, onde somente a vivência poderá permitir interpretar as estruturas complexas, o distanciamento dos contextos culturais, onde a polifonia deverá ser privilegiada.

E, segundo CALDAS (1999:112) Interpretar não é *explicar*, mas desejar o desejo de quem falou, desdobrar, tirar da pobreza somente luz ou somente sombra. Não é tirar o que está dentro ou expor o que está fora, mas por em diálogo; encontrar o movimento e os movimentos. É por em movimento; delinear a sutileza das sombras, multiplicá-las e multiplicar as densidades; fazer brigar a diferenças e recusar as igualdades; dizer o que não está dito ou sequer pretendido. Buscar um *encontro*, fazendo dialogar a diferença pela diferença, criando um campo de vivência e de superação”

No deslizar suave do conhecimento sobre as águas da experimentação, vivenciaremos outros aspectos do viver ribeirinho, do sonhar caboclo.

O tempo das águas passa... vem a estiagem. A enchente vai, mas deixa um solo fértil para recompensar o caboclo pelos danos que lhes causou. Agora ele pode plantar nas chamadas terras de várzea, e a colheita certamente será proveitosa.

Conclusão

Para compreender o universo das populações ribeirinhas, temos que efetivamente mergulhar naquele local, no sentido de buscar respostas às nossas indagações, conhecer literaturas que falam dessa população, e, ter um olhar diferenciado no vivenciar do cotidiano, “um desdobrar e um projetar interioridade

sociais sendo instaurado como algo a ser conhecido ou reconhecendo esse mesmo conhecido... principalmente porque sua instauração se dá dentro de redes culturais e seu exercício é sempre propostas dessas mesmas redes... não se vê biologicamente, mas no fluxo vivo da comunidade; quem vê não é o olho, mas um cérebro devidamente socializado” (CALDAS,1999:105)

Finalmente, entendemos que, como pesquisador, é necessário se desprover de alguns pré-conceitos, de algumas valorações de nossa sociedade capitalista e buscar a compreensão na simplicidade, na cultura e nos mitos que fundamentam os sentimentos e a vida daquela população.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, R. de Almeida. **Na Beira do Barranco. Estórias – credices – sentimentos e humor de caboclos do madeira.** Porto Velho :Gênese Ltda, 1987
- CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade. Texto e história. Para Ler a História Oral.** São Paulo: Loyola. 1999
- CASSIRER, Ernst. **A Filosofia do Iluminismo.** São Paulo: Unicamp, 1994
- CEMIN, Arneide Bandeira. **Colonização e Natureza. Análise da Relação Social do Homem com a Natureza na Colonização Agrícola em Rondônia.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre. 1992
- CLASTRES, Pierre. **A Sociedade contra o Estado. Pesquisa de Antropologia Política.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro. LTC, 1989
- JAPIASSU, HILTON. **Introdução às Ciências Humanas.** São Paulo: Letras & Letras, 1994.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem.** São Paulo. Papyrus, 1962
- LOUREIRO, J. Jesus Paes. **Cultura Amazônica. Uma Poética do Imaginário.** Belém: CEJUP, 1995
- MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico Ocidental.** São Paulo: Abril, 1978.
- PRITCHARD, E.E.Evans. **OS Nuer.** São Paulo: Perspectiva, 1993.
- SILVA, j. da Costa e SOUZA FILHO, T. Alves. **O Viver Ribeirinho. Do Livro nos Banheiros do Rio.** Porto Velho: EDUFRO, 2002